

McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial – Raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010, 600 páginas.
Raquel Gryszczenko Alves Gomes*

Em 1995, o mundo ainda tentava compreender o Genocídio em Ruanda, enquanto a guerra na Bósnia intensificava seus dias de terror, culminando no Massacre de Srebrenica. Esse mesmo ano fora escolhido pela UNESCO como o Ano das Nações Unidas para a Tolerância – momento para estabelecer reflexões sobre coexistência de diversidades, que contava com um elaborado calendário de debates cuja pauta primordial era a preocupação com a manutenção e preservação dos Direitos Humanos ao redor do mundo.

Neste contexto foi publicado *Couro Imperial – Raça, gênero e sexualidade no embate colonial*, da zimbabuense Anne McClintock¹ – obra fundamental para pensarmos os encontros violentos de hierarquias de poder. O livro chegou ao mercado brasileiro em 2010, em cuidadosa tradução da Editora da Unicamp. Em seus quase vinte anos de existência, os mais diversos termos têm sido utilizados para defini-lo e apresentá-lo – aqui, opto por dizer que o leitor de *Couro Imperial* encara um trabalho de fôlego impressionante, não apenas pela diversidade de análises que perpassa o livro, mas também pelos questionamentos feitos por McClintock aos cânones com os quais dialoga.

O principal predicado do livro de Anne McClintock – ou a primeira de suas “suposições fundadoras”, como prefere a autora – está na ideia de explodir análises limitadas e limitadoras das ações imperialistas de finais

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da África da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

¹ *Imperial Leather. Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*. Routledge, 1995. Doutorada pela Columbia University em 1989, Anne McClintock é, atualmente, professora da cátedra Simone de Beauvoir de inglês, estudos de gênero e da mulher da Universidade de Wisconsin – Madison.

do século XIX e início do XX, bem como seus ecos nas sociedades contemporâneas. Para a autora de *Couro Imperial*, entender a violência do imperialismo é entender uma arena social, intelectual e até mesmo psicológica em que gênero, raça e classe estavam imbricados de maneira inextricável. McClintock parte do princípio – não tão novo para o historiador, deve-se ressaltar – de que nenhuma categoria social existe no isolamento, mas sim em relação com outras categorias, mesmo que de modos desiguais e contraditórios. Empregando aportes de teorias feministas, marxistas e também da psicanálise, Anne McClintock apresenta o que chama de uma “investigação renovada e transformada das relações não reconhecidas entre a psicanálise e a história socioeconômica” (p.26), buscando compreender por que o imperialismo foi – e ainda é, em muitos aspectos – lembrado como um fenômeno essencialmente masculino e dominador, que impossibilita quaisquer formas de resistência.

Couro Imperial divide-se em dez capítulos, perpassados em dois grandes eixos temáticos: em um primeiro momento, as análises centram-se na reordenação do espaço metropolitano vitoriano a partir das experiências do imperialismo. Discutem-se o racismo, o surgimento e organização das exposições imperiais, o culto da domesticidade e o surgimento e valorização da figura da mulher ociosa; e como o ócio da classe média, especialmente o da mulher de classe média, ligava-se ao pertencimento a uma “classe respeitável”, criando uma contraposição imediata à figura da mulher trabalhadora, entregue a uma série de vícios e falhas morais. A mulher que trabalha passa a ser, no mundo vitoriano que se reorganiza, uma equivalência do homem não branco, do selvagem: ela não poderia ser incorporada a este novo mundo porque era anacrônica – estava também em um “momento anterior do desenvolvimento racial” (p.173).

O segundo momento da obra de Anne McClintock é dedicado ao espaço colonial, centrado particularmente na África – quando a autora ocupa-se daquilo que chama de “temas decisivos do discurso colonial” (p.39): o mito de grandes extensões de terras vazias e a feminização da

terra, transformada no discurso e no imaginário em mulher frágil, à espera da conquista; o fetiche da mercadoria e o culto à higiene e limpeza, exemplificados pelo slogan “Sabão é civilização”. Os capítulos finais concentram-se na experiência sul-africana, particularmente em uma breve análise das obras políticas e das novelas feministas da escritora Olive Schreiner², bem como da narrativa *The Long Journey of Poppie Nongena*² – abrindo espaço também para uma discussão da política de apartheid, da realidade sul-africana pós-Soweto e dos conflitos entre afrikaners e nacionalistas africanos naquele país.

Para dar conta de temas que, embora agregados e sobrepostos, podem também ser bastante distintos, Anne McClintock utilizou um escopo de fontes amplo e diversificado: suas análises baseiam-se em fotografias, propagandas, escritos políticos e literários de autores diversos. Chamam a atenção também os diários e fotografias mantidos pela empregada doméstica Hannah Cullwick - que, segundo a análise de McClintock, fez das práticas de fetichismo e sadomasoquismo em seu relacionamento com o poeta e advogado Arthur Munby um espaço de negociação e contestação da imagem que a atrelava, como mulher trabalhadora, à submissão e a incapacidade de inserir-se na sociedade. Criada e amante, Hannah Cullwick reinventava seu papel social no relacionamento com Munby.

É provável que um historiador estabelecesse relacionamento distinto com as fontes utilizadas por Anne McClintock para compor seu *Couro Imperial*, detendo-se também na materialidade de cada documento e explorando suas interlocuções sociais de maneira mais aprofundada, evitando assim um grande número de generalizações que acabam por se somar na obra.

²Poppie Nongena é o nome fictício de uma negra sul-africana que, na tentativa de preservar sua vida e família no momento em que conservadores armados respondiam violentamente ao levante de Soweto, conta sua história à escritora afrikaner Elsa Joubert. As entrevistas dão origem à narrativa *Die swerfjare van Poppie Nongena*; publicado inicialmente em afrikaans, em 1978, o livro foi traduzido para o inglês em 1980, aumentando a visibilidade das atrocidades perpetradas pelo apartheid na África do Sul e transformando *The Long Journey of Poppie Nongena* em best-seller.

Ressalte-se ainda que apesar de propor uma análise que se quer distanciada de oposições binárias, a dicotomia imperial versus colonial acaba ainda mais evidenciada na composição do argumento de Anne McClintock. O espaço do “colonial” a que a autora se refere com tanta frequência e no qual pauta a organização da segunda parte do livro é margeado em muito pelo próprio reorganizar-se da metrópole vitoriana, ou seja, acessamos o colonial a partir do olhar imperial – lembramos aqui, por exemplo, das narrativas de Rider Haggard, que são, segundo a autora, resultados de sua inabilidade, como filho de nobres decadentes e sem direito à herança, em inserir-se na nova ordem da metrópole. O colonial é o espaço de reconstrução do homem da metrópole, o espaço que o torna apto a reivindicar pertencimento ao novo cenário imperial.

Eventuais limitações não prejudicam *Couro Imperial*, quando a obra é contemplada em um cenário mais amplo – especialmente pelas discussões que estimula e pelas questões que deixa em aberto. Também pelo diálogo crítico que estabelece com seus principais interlocutores, a obra ressalta sua abertura para o debate. Entre outros exemplos, em suas páginas iniciais, Anne McClintock alerta para os perigos do uso recorrente do termo pós-colonialismo, tão em voga na academia nos dias atuais, afirmando que o prefixo “pós” confere “ao colonialismo o prestígio da história propriamente dita” (p.30), colocando a “cena pós-colonial numa suspensão da história” (idem).

Quase vinte anos se passaram desde a publicação de *Couro Imperial* – bem como do Ano das Nações Unidas para a Tolerância. Lembrando as manchetes dos jornais destes últimos anos, o livro de Anne McClintock não poderia permanecer mais atual na necessidade que expõe de apreensões maiores das políticas e práticas de violência: a edição em português de *Couro Imperial* é importante não apenas para ampliar com qualidade as bibliografias de que dispomos sobre o imperialismo – faz pensar, também, na intolerância das hierarquias de poder que se configura de maneira complexa em relações raciais, de gênero e de classe.